

Francisco Cândido Xavier

# JARDIM DA INFÂNCIA

Pelo Espírito  
de  
JOÃO DE DEUS



(2ª EDIÇÃO)



**FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA**  
(Departamento Editorial)

**Rua Figueira de Melo, 410 e Avenida Passos, 30**  
**RIO DE JANEIRO, Gb**



Composto e impresso  
nas oficinas da  
— FEDERAÇÃO —

30-RB; 5.000-L; 1963

# *Jardim da Infância*

11.582







## Índice

	PÁG.
<i>Aos pequenos companheiros</i> .....	7
I — Oração dos meninos .....	8
II — Quadro matinal .....	10
III — Conselho materno .....	12
IV — Meu lar .....	14
V — Os pais .....	15
VI — Estudante .....	17
VII — A escola .....	18
VIII — O livro .....	20
IX — Lembrança .....	22
X — Primavera .....	23
XI — Natureza .....	24
XII — O vagabundo .....	25
XIII — Velhinhos .....	27
XIV — Caridade, doce irmã .....	28
XV — Feliz .....	30
XVI — Ao recreio .....	31
XVII — Grande tolo .....	32
XVIII — Simão, o mendigo .....	34
XIX — Conversando .....	38
XX — Essa velhinha .....	39
XXI — Palavras de vovô .....	41
XXII — O irmãozinho .....	42
XXIII — Rendendo graças .....	44
XXIV — Resposta de mãe .....	46
XXV — Prece .....	48









## *Aos pequenos companheiros:*

Deus fêz da vida um jardim,  
Fêz do mundo o nosso lar,  
Onde aprendemos a amar  
Sua grandeza sem fim.

Em tôdas as direções,  
Nas cidades, nos caminhos,  
No campo, no mar, nos ninhos,  
Há sempre grandes lições.

No prazer, no sofrimento,  
Na noite longa e sombria,  
Na claridade do dia,  
Tudo é flor de ensinamento.

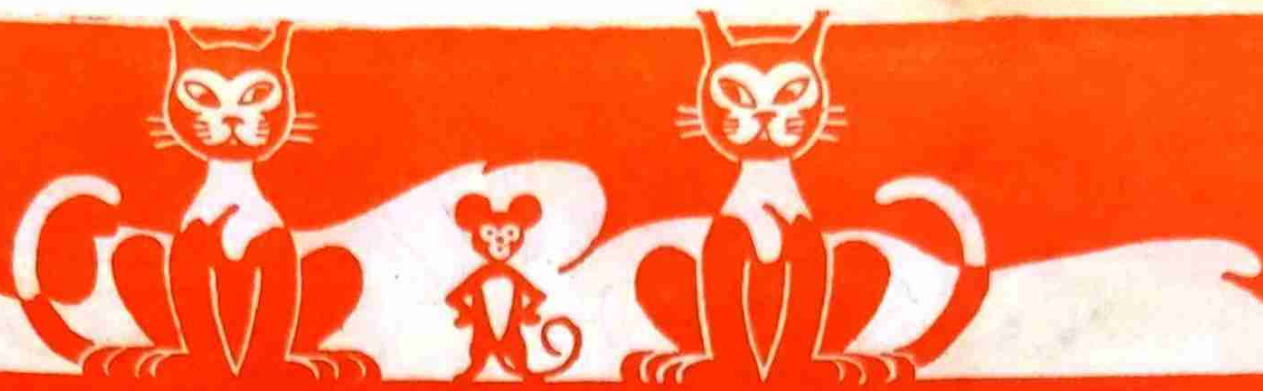
Colhamos bênçãos de luz  
Nas lutas que a vida encerra...  
O jardim é tôda a Terra,  
O jardineiro é Jesus.

**João de Deus**

Pedro Leopoldo, 4 de novembro de 1946.







I

## *Oração dos meninos*

Pai Nosso, que estás nos Céus,  
Na glória da Criação,  
Ouve esta humilde oração  
Dos pequenos lábios meus.

Santificado, Senhor,  
Seja o teu nome divino  
Em minha alma de menino  
Que confia em teu amor.

Venha a nós o teu reinado  
De paz e misericórdia,  
Que espalha a luz da concórdia  
Sobre o mundo atormentado.

Que a tua vontade, assim,  
Que não hesita, nem erra,  
Seja feita em toda a Terra  
E em todos os Céus sem fim...





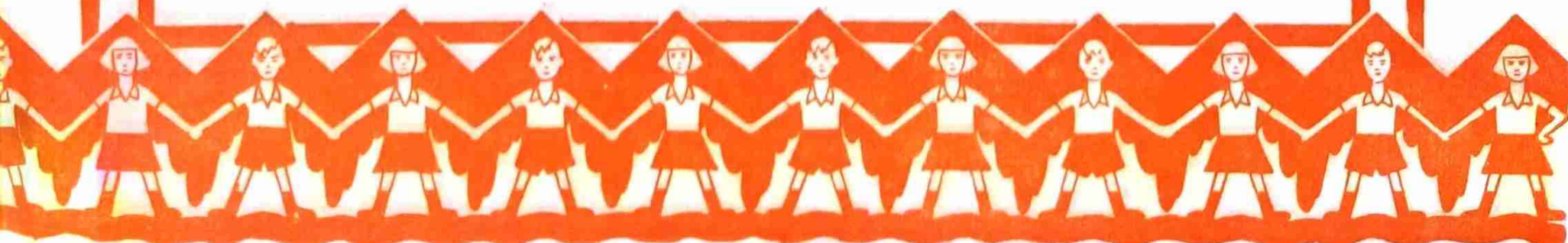


Dá-nos, hoje, do celeiro  
De tua eterna alegria  
O pão nosso que sacia  
A fome do mundo inteiro.

Perdoa, Pai, nesta vida,  
Os erros que praticamos,  
Assim como perdoamos  
Tôda ofensa recebida.

Não deixes que a tentação  
Nos vença a carne mortal  
E nem permitas que o mal  
Nos domine o coração.

Em tua luz que me beija  
E em teu reino ilimitado  
Que sejas glorificado,  
Agora e sempre... Assim seja!







II

## *Quadro matinal*

**Interroga Dona Rita**

**À pequenina louçã:**

**— Já fizeste, Carmenzita,  
A súplica da manhã?**

**— Já sim, mamãe — disse ela.**

**— Que pediste ao Mestre Amado?**

**— A bonequinha amarela  
De chapèuzinho dourado.**

**Pedi também um vestido**

**E a caixinha de segredos**

**Que faz música ao ouvido,**

**Lá na casa de brinquedos.**

**— E não rogaste mais nada? —**

**Perguntou a mãe bondosa.**

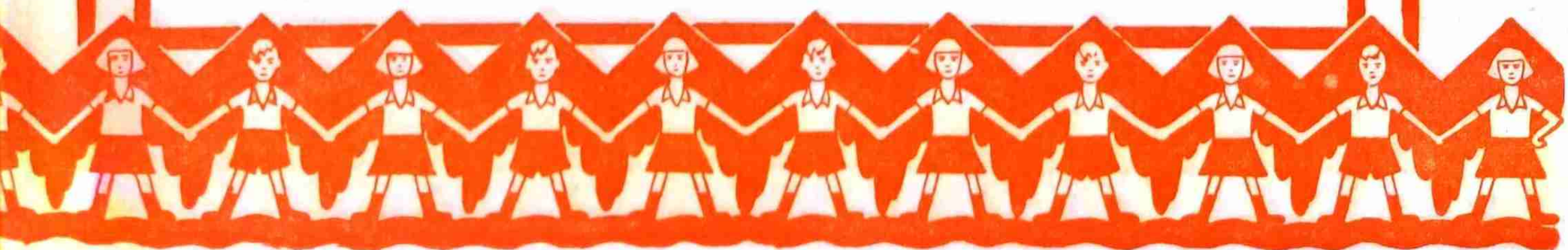
**— Pedi a bôlsa encarnada  
E a sombrinha côr-de-rosa.**







— Filhinha dos olhos meus,  
Disse a mamãe num sorriso,  
— Volta à prece e roga a Deus  
Que te conceda juízo.







III

*Conselho materno*

Ouve, filhinho,  
Pelo caminho  
Encontrarás  
Muita criança  
Sem esperança,  
Sem luz, sem paz...

Aves pequenas,  
Guardam apenas  
O pranto e a dor,  
Rolando ao vento  
Do sofrimento  
Esmagador.

Passam a sós,  
Erguendo a voz,  
Pedindo pão...  
Passam em bando,  
Dilacerando  
O coração.







Ante a tristeza  
Dessa aspereza,  
Dêsse amargor,  
Filhinho amigo,  
Dá-lhes abrigo,  
Dá-lhes amor...

És irmãozinho  
Do pobrezinho  
Que aflito vai...  
Nos mesmos trilhos  
Nós somos filhos  
Do mesmo Pai.







IV

*Meu lar*

Meu lar é um ninho quente, belo e doce,  
Meu generoso e abençoado asilo,  
Onde meu coração vive tranqüilo  
Na sacrossanta paz que Deus me trouxe.

Meu refúgio sereno de esperança,  
Nêle encontro essa luz terna e divina  
Do amor que aperfeiçoa, ampara e ensina  
Minhalma ingênua e frágil de criança.

O lar é a minha escola mais querida,  
Doce escola em que nunca me confundo,  
Onde aprendo a ser nobre para o mundo  
E a ser alegre e forte para a vida.







v

## *Os pais*

— Dize-me, bela Angelina,  
Com teus dotes naturais:  
Como interpretas teus pais,  
Minha galante menina?

— Meus pais, amiga querida,  
São estrêlas de amor,  
Que Jesus, Nosso Senhor,  
Me concedeu para a vida.

Amigos, como ninguém,  
Conduzem-me ao bom caminho  
E ensinam-me, com carinho,  
O amor, a verdade e o bem.

No lar, que é o meu doce abrigo,  
São meus ternos protetores;  
Bondosos, encantadores,  
Nunca se cansam comigo.





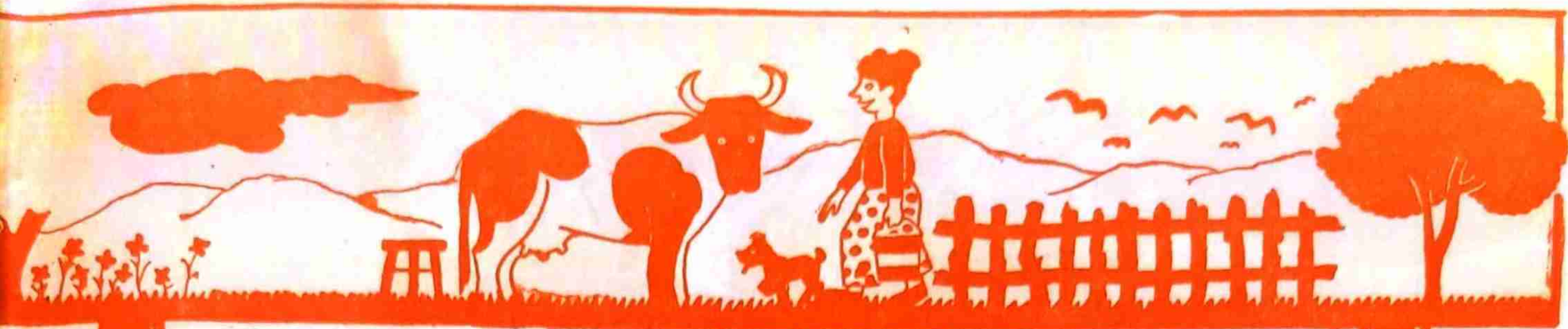


Meus pais, em verdade, são  
Meus anjos bons contra o mal!...  
Mas... que dizes, afinal,  
De minha definição?

— Disseste bem, Angelina,  
Nossos pais e companheiros  
São sublimes mensageiros  
Da Providência Divina.





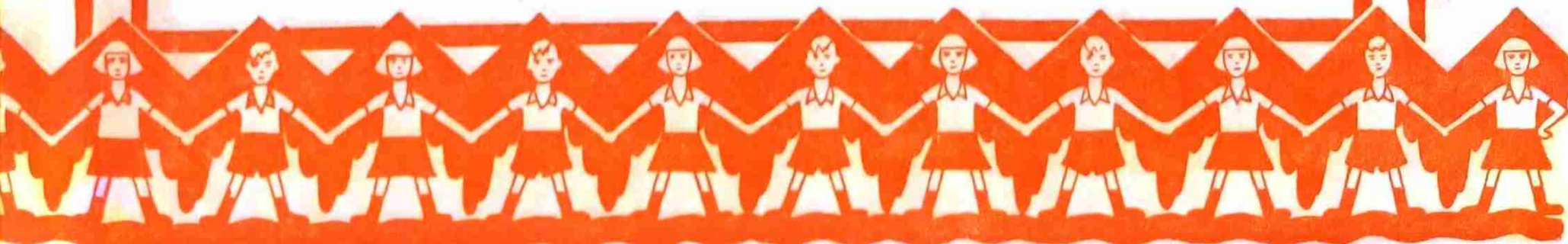


VI

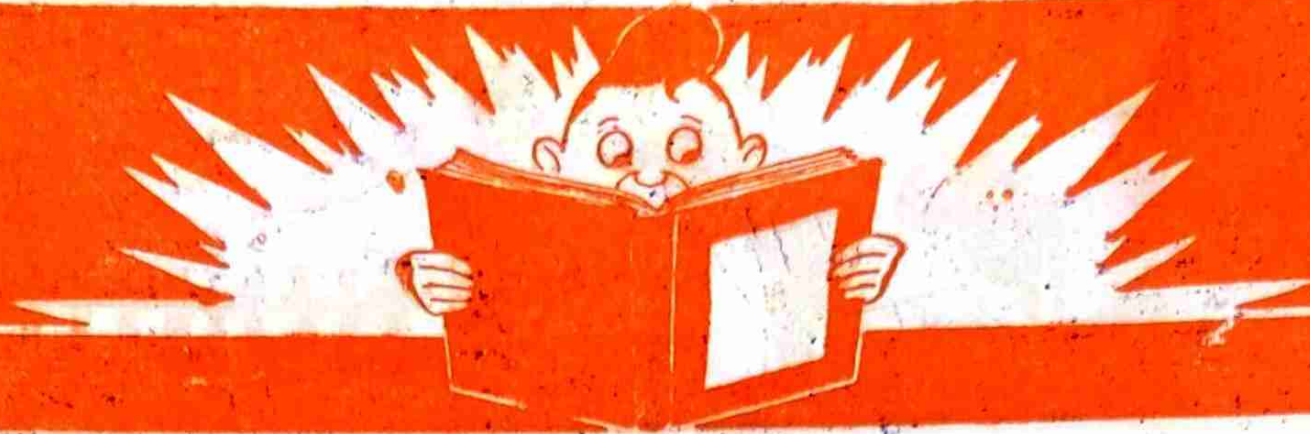
## *Estudante*

— Aonde vais, minha Lilita,  
Tão bonita?  
— Eu vou à escola estudar.  
— Dize-me cá — para quê?  
Já se vê  
Que precisas explicar.

— Que pergunta! E' meu dever  
Aprender,  
Pois Mãezinha sempre diz  
Que na escola, nobremente,  
Tôda gente  
Fica mais sábia e feliz.







VII

## *A Escola*

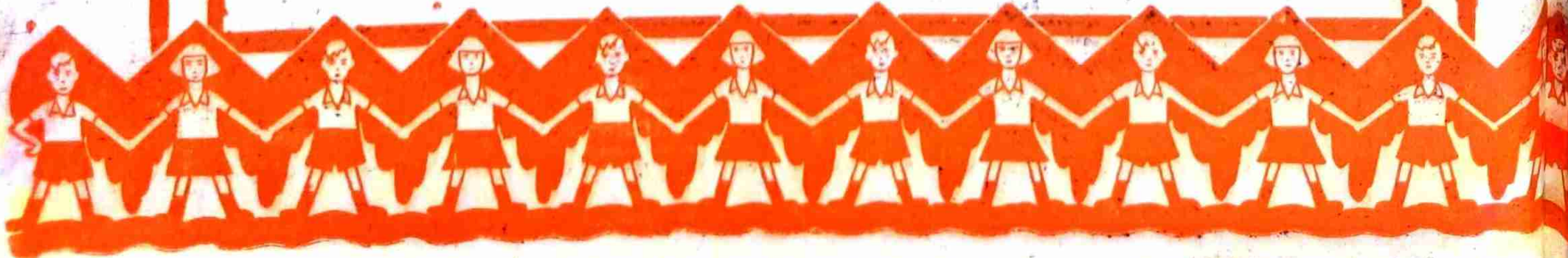
No mundo, em todo lugar,  
Seja no campo ou na vila,  
Temos na escola tranqüila  
O nosso segundo lar.

Em todos os continentes  
A que o homem se conduz,  
Espalha as bênçãos da luz  
De mil modos diferentes.

Com suas doces lições,  
Cheias de paz, de alegria,  
Semeia a sabedoria  
No campo dos corações.

Neste minuto que passa,  
Repleta de dons divinos,  
Abre-se a escola aos meninos  
De tôda côr, tôda raça.

— 18 —







**Selecionando pendores,  
Com virtudes imprevistas,  
Forma sábios, forma artistas,  
Mordomos e servidores.**

**Revelando o amor mais puro,  
Com carinhos maternais,  
Prepara futuros pais  
Para as missões do futuro.**

**Da mais humilde expressão  
À mais elevada espécie,  
Qualquer escola merece  
A nossa veneração.**

**Bendita seja a oficina  
Que nos cede ao pensamento  
O pão do conhecimento  
E a bênção da luz divina!**







VIII

## O Livro

O livro é o bom companheiro  
Que me educa, que me alerta,  
A todo instante é o roteiro  
Que me traça a estrada certa.

E' um amigo que me ampara  
Com cuidado, com carinho.  
A sua linguagem clara  
Tudo explica, de mansinho.

E' sempre calmo e bondoso,  
Não tem gritos, não tem ralhos,  
Ajuda-me sem repouso  
Em todos os meus trabalhos.

Auxilia-me, sòzinho,  
Em lições lindas e boas,  
A cuidar de meu caminho  
E a respeitar as pessoas.







**Sem qualquer alteração,  
Êle que sabe de cor,  
Ajuda-me o coração  
Para ser sempre melhor.**

**Menino que não procura  
Um livro para aprender,  
E' vadio sem leitura  
Fugindo de seu dever.**







IX

## *Lembrança*

À professôra querida,  
Que orienta nossa vida  
Com tanta dedicação,  
Traze sempre, meu filhinho,  
As rosas de teu carinho  
Na bênção da gratidão.







X

## *Primavera*

A primavera no prado  
Tôda vestida de flôres  
Trouxe lençóis multicores  
Que brilham ao sol dourado.

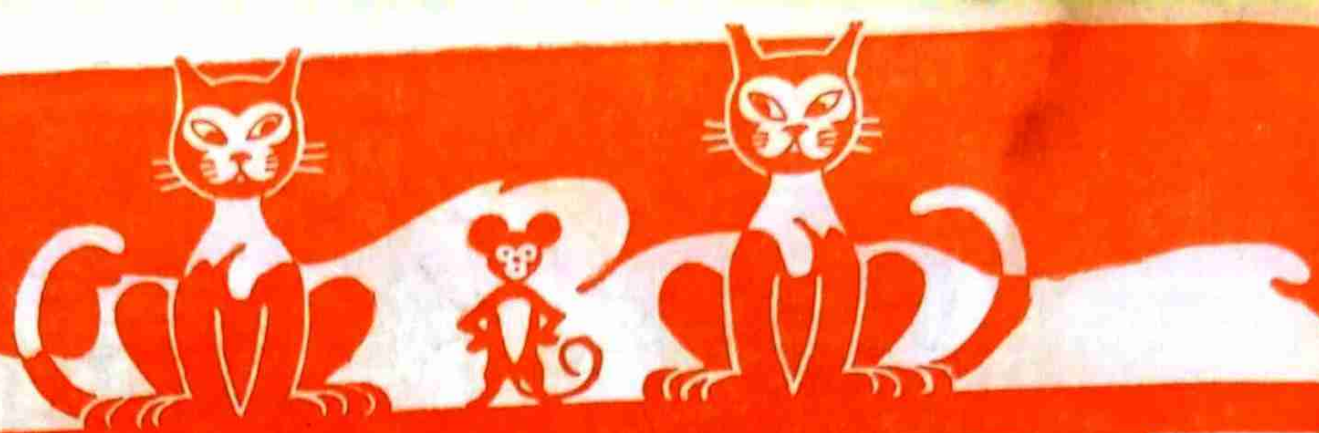
Parece a festa das côres  
No caminho perfumado,  
Para a alegria do arado  
E paz dos trabalhadores.

Minúsculos passarinhos  
Entoam, nos altos ninhos,  
Cantos de amor e inocência...

A Natureza revela,  
Sublime, ditosa e bela,  
As luzes da Providência!...







XI

## *Natureza*

O livro da Natureza,  
Repleto de resplendores,  
Com jardins encantadores  
Abertos em flôres mil,  
E' o livro sublime e vivo  
Em que Deus se manifesta,  
Desde a raiz da floresta  
Aos horizontes de anil.







XII

## O Vagabundo

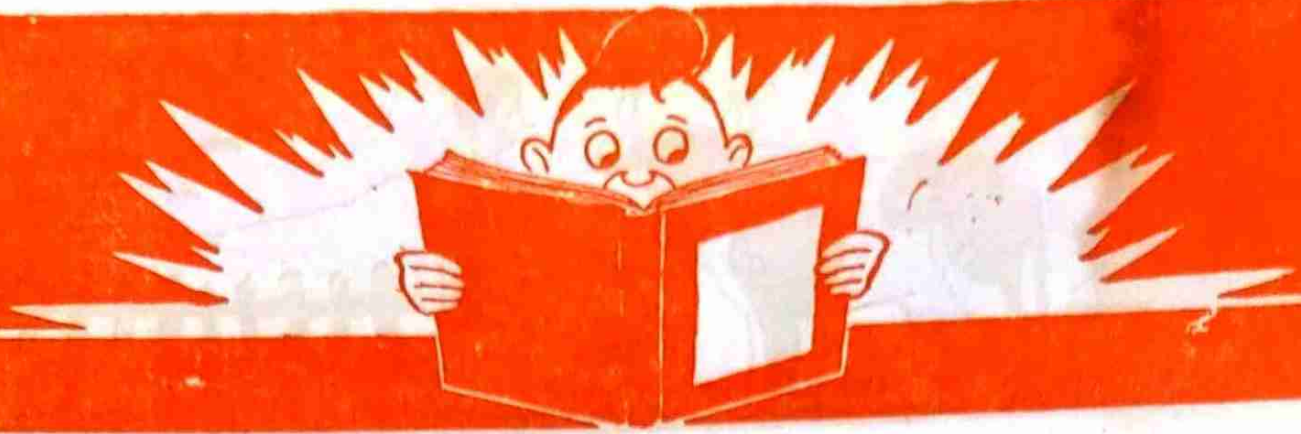
Ei-lo que passa na estrada,  
De roupinha esfarrapada,  
Sem mãos amigas de alguém.  
Pobrezinho!... é vagabundo,  
Vagueia por êste mundo  
Sem ninguém.

Às vêzes, tem sêde e fome,  
Na miséria que o consome,  
De pés e bracinhos nus...  
Tão tenro e de alma sombria!  
Sem amor, sem alegria  
E sem luz.

Mete pena vê-lo à solta  
De cabeleira revôlta,  
Tal a penúria em que vai;  
Sua alma geme e padece,  
Não teve mãe que o quisesse  
E nem pai.







Tenhamos piedade ao vê-lo.  
Quem não pede auxílio e zêlo  
Num bocadito de amor?!...  
Como punge, no caminho,  
Tanta falta de carinho,  
Tanta dor...

Lembremos, em nossa vida,  
Que essa criança ferida,  
Como nós, tem coração;  
Que êsse pequeno mendigo  
Seja agora nosso amigo,  
Nosso irmão.







XIII

## *Velhinhos*

De longada nos caminhos,  
Passam velhos pobrezinhos  
A sofrer, sem pão, sem lar...  
Ao sabor da ventania,  
Suportam a noite fria  
A gemer e mendigar.

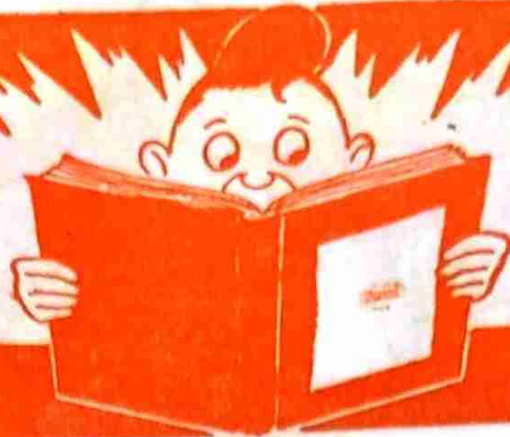
Choram à míngua de afeto,  
Sem a carícia de um neto  
Nos dias de solidão.  
Foram jovens, entretanto...  
São hoje estátuas de pranto,  
De pobreza, de aflição.

Olhando êsse quadro amargo —  
Oh! nunca passeis de largo,  
Gargalhando e andando ao léu! —  
Dai-lhes o pão da bondade,  
Que a bênção da caridade  
Será vossa luz no Céu.

— 27 —







XIV

## *Caridade, doce irmã*

— Por que choras, meu anjinho,  
Esfarrapado e sòzinho,  
Vagando de déu em déu?

— Choro de dor e saudade,  
Pois sou filho da orfandade...  
Minha mãe foi para o Céu.

— Que tens?

— Sinto frio e fome,  
A angústia que me consome  
Parece nunca ter fim...  
A Ventura me escorraça,  
O Orgulho olha-me e passa  
Sem compaixão para mim!

Minha mãe já não existe  
E, desde o momento triste  
Em que o Senhor ma levou,  
Não tenho a mão de um amigo;  
Pequeno e pobre mendigo —  
Eis agora o que hoje sou.



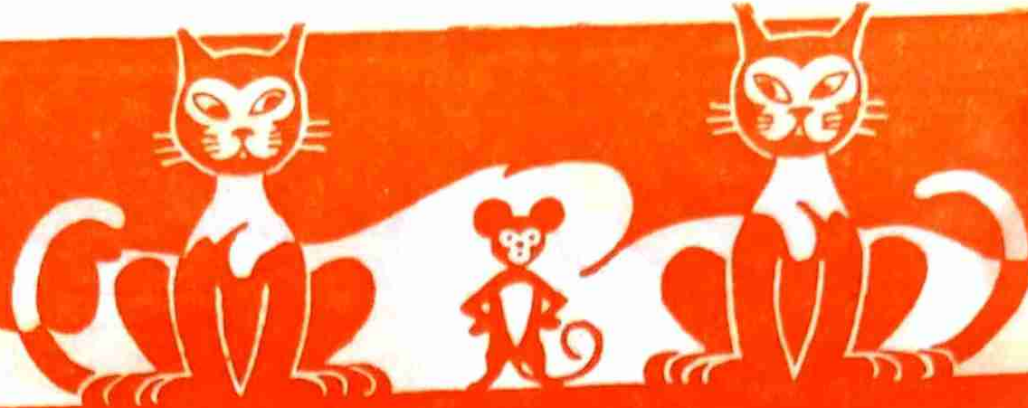




- Vem comigo!  
— Oh! quem me dera!...  
— Vem! Terás a primavera  
De doce e eterna manhã!...  
— Teu nome? Sonho ou verdade?  
— Eu me chamo Caridade.  
— Quem és tu?  
— Sou tua irmã.







XV

## *Feliz*

Cheio de dor,  
O pobrezinho,  
Sempre sòzinho  
E sofredor,

Triste viajor,  
Descalçadinho,  
Ave sem ninho  
E sem amor,

Que não maldiz  
O amargo trato  
Aos dias seus,

E' mais feliz  
Por ser mais grato  
Aos dons de Deus.







XVI

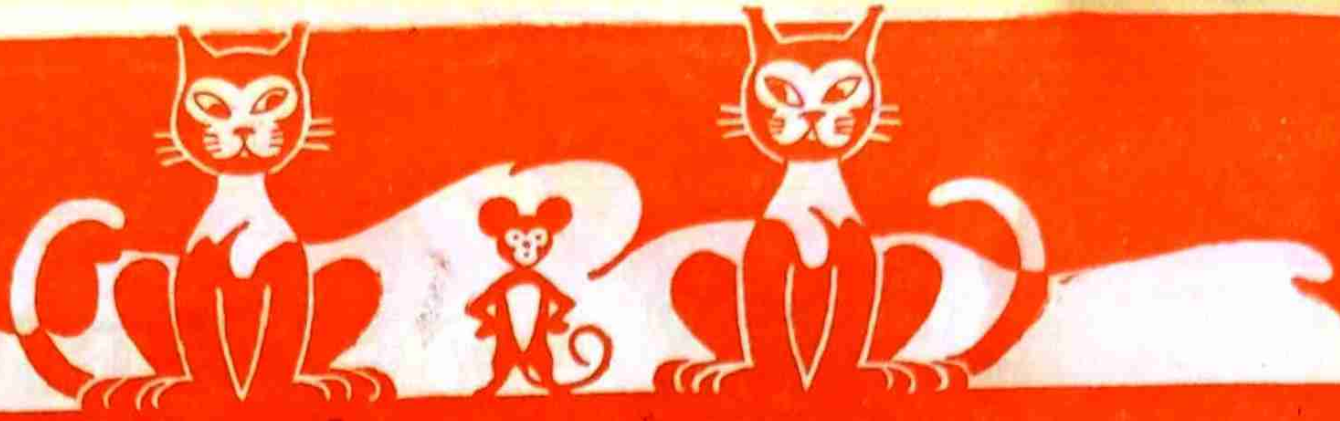
## *Ao recreio*

Nos minutos de recreio,  
Nas alegrias da escola,  
Há tanta, tanta sacola  
Repleta de doce e pão!...  
Tantos meninos felizes  
Trazem fruta, trazem bôlo,  
E há tantos em desconôlo  
Que trazem fome e aflição!

Oh! que a criança bondosa  
Desde bem cedo compreenda  
Na divisão da merenda  
Um nobre e lindo dever...  
Sê fraterno, meu filhinho:  
Dá sempre do que te sobre  
Ao coleguinha mais pobre  
Que não tenha o que comer.







XVII

## *Grande tolo*

Logo após a cabra-cega,  
Zèzinho, todo suor,  
Ao lado do professor,  
Dizia para um colega:

— Eu hoje já fiz das minhas,  
Amanheci no brinquedo,  
Levantei-me muito cedo,  
Apedrejando as galinhas.

Quebrei xícaras e pratos,  
Pus fogo ao quintal vizinho,  
Chicoteei meu cãozinho,  
Dei pancadas em dois gatos.

Furtei doces à cozinha,  
Queimei um sapato e um pente  
E atirei água fervente  
Ao rosto da empregadinha.

— 32 —







Esfregando as mãos, contente,  
Sem respeito, sem temor,  
Perguntou ao professor:  
— Não julga que sou valente?

O mestre, sem repreender,  
Respondeu-lhe, em desconsôlo:  
— Não passas de um grande tolo  
Que tem muito que aprender.







XVIII

*Simão, o mendigo*

Doente, pobre, velhinho,  
O desditoso Simão,  
Arrimado a seu bordão,  
Andava devagarinho...

Pés e mãos em chaga aberta,  
Lá ia o velho, coitado!  
Enfêrmo, desamparado  
E humilde na estrada incerta.

Cabelo todo branquinho,  
Rugosa a face morena,  
O pobre metia pena  
A vagar pelo caminho...

De onde viera? Ora, quem  
Buscava saber ao certo?  
Vinha de longe ou de perto?  
Ninguém sabia, ninguém.







Só lhe sabiam do nome,  
E que, em miséria, sem nada,  
Êle esmolava na estrada,  
A fim de matar a fome.

Estendendo seu chapéu,  
Pedia, cheio de dor:  
— Uma esmola, meu senhor,  
Por amor ao Pai do Céu!...

Mas, oh! Deus, que desalento  
Neste mundo de aflição!  
Ninguém ouvia Simão  
Nas horas do sofrimento.

— Passai de largo! é leproso!... —  
Diziam homens cruéis —  
— Oh! não vos aproximeis  
Dêste ancião perigoso!...

— Ah! que graça! Põe-te à brisa! —  
Exclamava outro passante —  
Nada de esmola ao tratante,  
Que êste velho não precisa!...

O mendigo, nos seus ais,  
Dizia: — Viva a saúde!  
Trabalhei enquanto pude,  
Agora, não posso mais...







Tôda a gente lhe fugia,  
Ninguém lhe dava uma sopa,  
Nem um trapinho de roupa  
Para a noite da agonia.

Muito tempo era passado,  
E o desditoso velhinho  
Sentia-se mais sòzinho,  
Mais doente, mais cansado....

Chegou, enfim, um momento  
Em que o velho sofredor  
Caiu de frio e de dor  
Na estrada do sofrimento.

Caiu e sonhou, contente,  
Embora a sêde e o cansaço,  
Que Jesus vinha do Espaço  
Dizendo-lhe, docemente:

“— Escuta, meu bom Simão,  
Não temas, querido amigo!  
Sê forte! Eu estou contigo.  
Chegaste à ressurreição.

Não chores. Estou aqui!...  
Terminou tua aflição,  
Estás em meu coração!  
Pensavas que te esqueci?







Enquanto o mundo enganado  
Atormentava-te ao pêso  
De zombaria e desprezo,  
Eu sempre estive ao teu lado.

Teus prantos e tuas dores  
São, hoje, a luz que te veste  
No campo do amor celeste,  
Repleto de eternas flôres.”

E Jesus, em voz mais terna,  
Concluía: — “Vem, Simão,  
À doce consolação  
Do mundo de luz eterna!...”

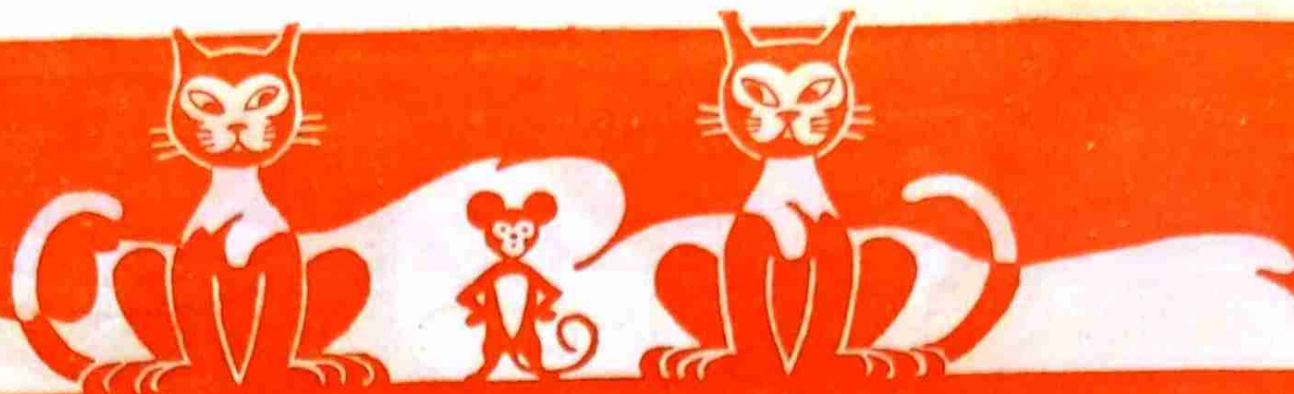
E Simão, chorando e rindo,  
A seguir, ditoso, o Mestre,  
Esqueceu a dor terrestre,  
No céu venturoso e lindo.

O caminho era de estrêlas  
De tão sublime matiz  
Que o pobre ria, feliz,  
Sem saber como entendê-las.

No outro dia, ao reconfôrto  
Do Sol de coroa erguida,  
Acharam Simão sem vida...  
O mendigo estava morto.







XIX

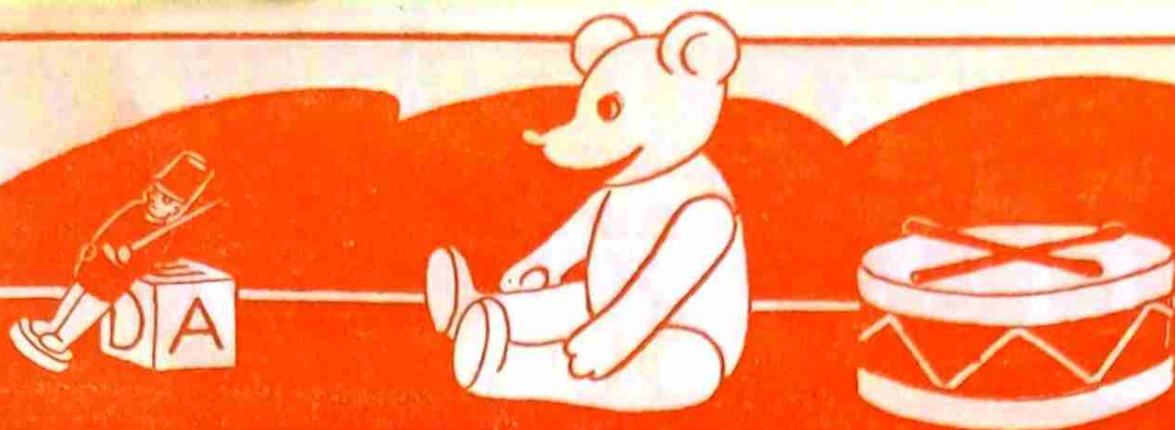
## *Conversando*

Mão pequenina e boa  
Não atire pedrada aos passarinhos,  
Não torture animais...  
A vida é luz que Deus aperfeiçoa,  
Nos lares, nos estábulos, nos ninhos,  
Qual o melhor dos pais.

Ouçã, meu pequenino terno e puro,  
A mão frágil que mata ou dilacera,  
Inimiga do bem,  
Nos caminhos distantes do futuro,  
Pode tornar-se a pata de uma fera  
Matando homens também...







XX

## *Essa velhinha*

Essa velhinha que vês,  
Passando sempre ao sol-pôsto,  
Todo dia, todo mês,  
Penosamente a esmolar,  
Também foi criança, um dia,  
Não conhecia o desgosto,  
Brincava, jogava e ria,  
Era o anjo de seu lar!...

Depois vieram mudanças,  
Trabalhou, sofreu na vida,  
Morreram-lhe as esperanças,  
Cansou-se-lhe o coração.  
Hoje, triste, quase morta,  
Sòzinha, desiludida,  
Esmola, de porta em porta,  
A fim de ganhar o pão.







Não te esqueças, meu filhinho,  
Que um velhinho abandonado  
Tem sede de teu carinho,  
De tua doce afeição...  
Aprende a viver mais cedo,  
Não fujas amedrontado,  
Aproxima-te, sem medo,  
Anda cá! beija-lhe a mão!







XXI

## *Palavras de vovô*

Escuta, meu netinho pequenino,  
Permite que em tua alma de menino  
Nasça o impulso da grande compaixão;  
Não fujas à bondade que perdoa,  
Guarda a ternura luminosa e boa,  
Que nasce pura de teu coração.

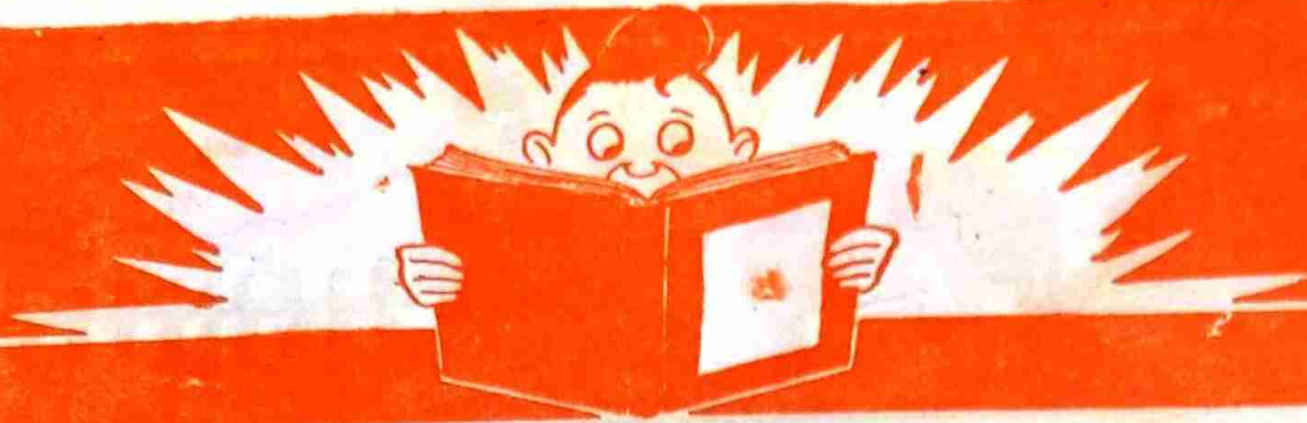
Se encontrares pessoas infelizes,  
Cheias de dores e de cicatrizes,  
Não desvies, de leve, teu olhar...  
O sorriso de um anjo reconforta  
O triste sofredor que bate à porta,  
A gemer, a pedir, a soluçar!

Semeia paz e amor em tua estrada,  
Não zombes da miséria abandonada,  
Não te rias da mágoa de ninguém.  
Sob a bênção da infância doce e vaga,  
Crescerás para o mundo que te afaga,  
E, no futuro, lutarás também.

— 41 —







XXII

## *O irmãozinho*

Quando nasceu Antoninho,  
Disse vovó, com carinho:

— Nesta adorável criança,  
Temos mais uma esperança!

Ganhamos um novo amigo  
Que procura nosso abrigo.

E' um Espírito que vem  
Buscar a verdade e o bem;

Crescerá, junto de nós,  
Terá fôrça, terá voz...

Agora, é um bebê risonho,  
No berço feito de sonho;

Amanhã, que se comporte,  
Será homem nobre e forte.

— 42 —







Seu coração está cheio  
Da grande luz de onde veio.

Êle volta ao nosso nível  
Da imensa esfera invisível,

Procurando amor e luz  
Para servir a Jesus.

Em seguida, vovòzinha  
Beijou-lhe a face branquinha,

E falou, findo o intervalo:  
— Deus nos ajude a guardá-lo.







XXIII

## *Rendendo graças*

Junto à mãezinha doente,  
A bondosa pequenita  
Ajoelha-se, contrita,  
E suplica, humildemente:

— Deus de bondade sem fim,  
Pai de amor e compaixão,  
Atende ao meu coração,  
Cura mamãe para mim!...

Passam momentos de espera  
Em que a filha, um anjo lindo,  
Observa a mãe dormindo  
Na calma da fé sincera.

A enfêrma desperta e diz:  
— Filhinha, que paz! que luz!...  
Sonhei que via Jesus,  
Estou mais forte e feliz.

— 44 —







A pequenina que ouvia,  
Na candidez de uma rosa,  
Abraça-se à mãe bondosa,  
Põe-se a chorar de alegria.

Cerrando os olhinhos seus,  
Murmura: — Mamãe querida,  
Nossa prece foi ouvida:  
Rendamos graças a Deus!







XXIV

## *Resposta de Mãe*

— Minha mãe, onde está Deus?  
— Ora esta, minha filha,  
Deus está na luz que brilha  
Sôbre a Terra, pelos céus.

Permanece na alvorada,  
No vento que embala os ninhos,  
No canto dos passarinhos,  
Na meiga rosa orvalhada.

Respira na água cantante  
Da fonte que se desata,  
No luar de leite e prata,  
Está na estrêla distante...

Vive no vale e na serra,  
Onde mais? como explicar-te?  
Deus existe em tôda a parte,  
Em todo lugar da Terra...

— 46 —







— O' mamãe! como senti-lo,  
Bondoso, sublime e forte?  
Será preciso que a morte  
Nos conduza ao Céu tranqüilo?

— Não, filhinha! ouve a lição,  
Guarda a fé com que te falo,  
Só podemos encontrá-lo  
No templo do coração.







XXV

## *Prece*

Meu Senhor, Sábio dos sábios,  
Pai de tôda a Criação,  
Põe a doçura em meus lábios  
E a fé no meu coração.

Sol de amor que me conduz,  
Na vida em que me agasalho,  
Enche os meus olhos de luz  
E as minhas mãos de trabalho.

Dá-me forças no caminho,  
Para lutar e vencer,  
Transformando todo espinho  
Em flôres do meu dever.

Pai, não Te esqueças de mim,  
Nas bênçãos da compaixão,  
Guarda-me em Teu coração  
De paz e de amor sem fim.

